

Economia

Editor: Carlos Alexandre de Souza // carlosalexandre.dfabr.com.br 3214-1148 / 1191 (Economia)

8 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, domingo, 7 de março de 2021

Bolsas Na sexta-feira 2,23% São Paulo 1,95% Nova York	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias 111.540 / 115.202	Salário-mínimo Na sexta-feira R\$ 1.100	Dólar Últimas cotações (em R\$) 26/fevereiro 5,605 02/março 5,790 03/março 5,666 04/março 5,666 05/março 5,660 Na sexta-feira R\$ 5,683 (▲ 0,44%)	Euro Comercial, venda na sexta-feira R\$ 6,768	Capital de giro Na sexta-feira 5,28%	CDB Pré-fixado 30 dias (ao ano) 2,22%	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2020 0,64 Outubro/2020 0,86 Novembro/2020 0,89 Dezembro/2020 1,35 Janeiro/2021 0,25
---	---	---	--	--	--	---	--

Mercado e especialistas projetam dificuldades para o país dar a volta por cima e estimam que crescerá menos que as principais nações, em 2021. Às dificuldades econômicas que vêm de antes da pandemia, soma-se o combate errático ao novo coronavírus pelo governo federal

Desgovernado, Brasil mergulha na pobreza

» MARINA BARBOSA

A pandemia da covid-19 deixou todo o mundo mais pobre, mas terá um efeito especialmente duro na economia brasileira. É que, embora tenha caído menos do que outros países em 2020, o país vai demorar mais a se recuperar desse baque. Afinal, já vinha apresentando dificuldade para crescer antes da pandemia e está atrasado no combate ao novo coronavírus. Por isso, avançará menos do que seus pares e continuará perdendo posições no ranking das maiores economias do mundo neste ano. O Brasil está cada vez mais pobre. O ano de 2021 começou com 27 milhões de pessoas (12,8% da população) na miséria, conforme a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Pelos cálculos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil caiu 4,1% em 2020. O impacto é o maior dos últimos 30 anos e tirou o Brasil do grupo das 10 maiores economias do planeta. Porém é bem melhor do que a queda de quase 10% projetada no início da pandemia e também é menor do que a recessão registrada por países como México (-8,7%), Reino Unido (-9,9%) e Alemanha (-5,3%), tanto que foi comemorado pelo governo de Jair Bolsonaro, a despeito de a miséria ser cada vez maior país a fora.

Especialistas explicam que, ao injetar R\$ 293 bilhões na economia e impulsionar o consumo das famílias, o auxílio emergencial conseguiu amortecer o tamanho do tombo econômico no ano passado. Porém dizem que não há motivos para celebrar neste ano. É que o cenário que se desenha para 2021 é completamente diferente.

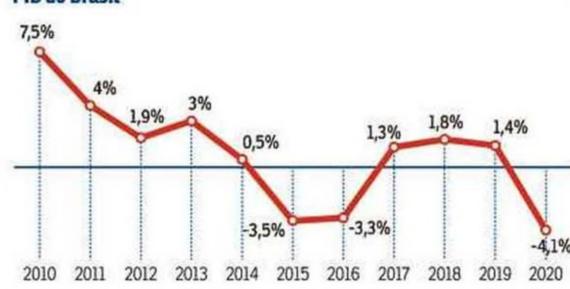
Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia mundial vai crescer 5,5% neste ano, influenciada pelos estímulos monetários anunciados por países como os Estados Unidos ou pelo sucesso de nações como a China no controle da pandemia. O Brasil, que não tem mais espaço fiscal para manter muitos dos auxílios emergenciais de 2020 e não tem tido sucesso no combate à covid-19, por sua vez, deve crescer 3,6%. E agentes do mercado financeiro dizem que essa taxa será ainda menor, já que a segunda onda da pandemia deve causar contração no PIB neste primeiro trimestre.

O Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/Ibre) já calcula, inclusive, que o PIB do Brasil vai cair 0,3% no biênio de 2020/2021, enquanto o do grupo das economias emergentes subirá 1,8%. A Índia, por exemplo, deve crescer 1,3% no período; a Indonésia, 1,4%; e a Coreia do Sul, 1%. Não à toa, o Brasil caiu da nona para a 12ª posição no ranking das maiores economias mundiais em 2020 e deve cair mais em 2021. Segundo a Austin Rating, mesmo se crescer 3,6%, o país será ultrapassado pela Austrália e pela Espanha, caindo para a 14ª posição desse ranking.

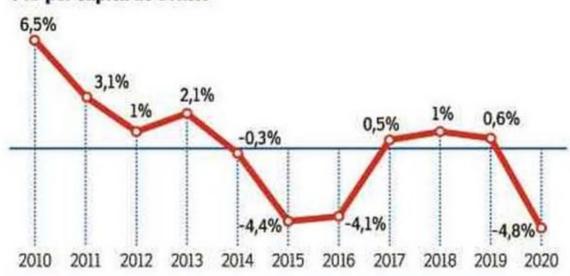
“Em 2020, praticamente todos os países do mundo registraram queda do PIB. O problema é que o Brasil já havia caído em 2015 e 2016 e ainda não havia se recuperado disso. O quadro já era ruim. E, neste ano, vai apresentar um ritmo de

Um país mais pobre

PIB do Brasil



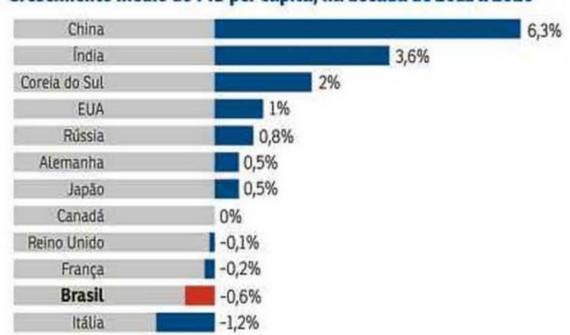
PIB per capita do Brasil



PIB per capita em valores constantes



Crescimento médio do PIB per capita, na década de 2011 a 2020



Fonte: IBGE, Ipea, Ibre/FGV, Austin Rating e FMI



Superada a pandemia, o Brasil voltará a enfrentar os mesmos problemas de antes. Por isso, precisa enfrentar o custo Brasil, a complexidade tributária, os problemas de infraestrutura e de educação”

Renato da Fonseca, gerente-executivo de economia da Confederação Nacional da Indústria

recuperação muito aquém do de outros países, pois a pandemia está fora de controle, e o Brasil está atrasado na vacinação. Por isso, ficará um pouco mais distante de outras economias”, explica Sílvia Matos, pesquisadora sênior da área de Economia Aplicada do FGV/Ibre. “O país vai crescer neste ano, mas o crescimento não será maior que o de outros países emergentes para tirar a diferença. Além disso, o risco fiscal continua afetando os investimentos e o câmbio, o que atrapalha o crescimento”, acrescenta o economista-chefe

da Austin Rating, Alex Agostini.

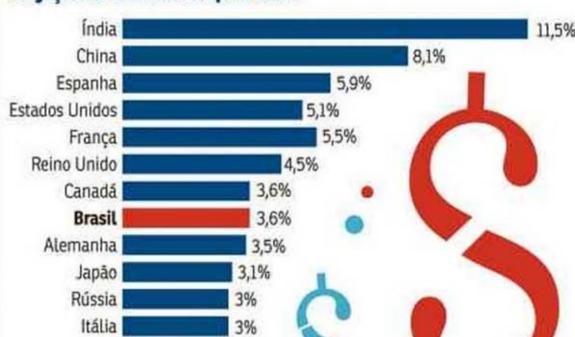
“Década perdida”

Segundo os especialistas, para garantir a retomada do crescimento econômico e conter o avanço da pobreza, o país precisa avançar na vacinação contra a covid-19, que vai permitir o funcionamento seguro das atividades econômicas, mas também olhar para o longo prazo. Afinal, antes da pandemia, o Brasil já vinha com dificuldades de crescer. Levantamento da Confederação

Veja as maiores economias do mundo

Ranking	País	PIB de US\$	% do PIB global
1º	Estados Unidos	20,80 trilhões	23%
2º	China	14,86 trilhões	16,4%
3º	Japão	4,91 trilhões	- 5,4%
4º	Alemanha	3,78 trilhões	- 4,2%
5º	Reino Unido	2,63 trilhões	- 2,9%
6º	Índia	2,59 trilhões	- 2,9%
7º	França	2,55 trilhões	- 2,8%
8º	Itália	1,84 trilhões	- 2%
9º	Canadá	1,6 trilhões	- 1,8%
10º	Coreia	1,58 trilhões	- 1,8%
11º	Rússia	1,46 trilhões	- 1,6%
12º	Brasil	1,42 trilhões	- 1,6%

Projeção de crescimento para 2021



Nacional da Indústria (CNI) aponta que o PIB do país cresceu, em média, 0,8% ao ano entre 2010 e 2019, porque problemas estruturais vinham segurando o crescimento e os investimentos. Por isso, com a queda de 4,1% de 2020, o país teve mais uma “década perdida”. Nas contas do FGV/Ibre, o Brasil cresceu apenas 0,2% ao ano entre 2010 e 2020. É um resultado bem pior que o registrado na década perdida de 1980: 1,6%. Ou seja, continuamos repetindo os erros que perpetuam a pobreza.

“Antes da pandemia, o Brasil havia sofrido uma crise brutal entre 2014 e 2016. E, depois disso, ficou praticamente estagnado, porque a produtividade vinha ruim, o investimento colapsou, e a recuperação do mercado de trabalho veio pela informalidade, que é quatro vezes menos produtiva que o setor formal. Além disso, o Brasil não tem mais o bônus demográfico ajudando a produtividade, já

que o país está envelhecendo”, explica Sílvia. A economista diz, então, que o país precisa avançar nas reformas estruturais, como a tributária, que prometem aumentar a produtividade e atrair investimentos.

“Superada a pandemia, o Brasil voltará a enfrentar os mesmos problemas de antes. Por isso, precisa reduzir o custo Brasil, a complexidade tributária, os problemas de infraestrutura e de educação”, reforça o gerente executivo de economia da CNI, Renato da Fonseca. “O país já tinha um desafio antes da crise da covid-19. E, agora, veio uma crise muito dura, que aumentou o desemprego, o endividamento. Por isso, precisa enfrentar as reformas”, reforça Sílvia. Ela ainda alerta: “O risco de não conseguir fazer reformas é retroceder, perder investimentos, perder mão de obra qualificada e ter um empobrecimento generalizado, como aconteceu com outros países latino-americanos”.

Renda cai a níveis de 2009

Com a contração da economia, o brasileiro começou este ano mais pobre. É que, além de derrubar a atividade econômica, a crise do novo coronavírus reduziu em 4,8% o PIB per capita do país em 2020. O baque foi o maior dos últimos 30 anos e levou o brasileiro ao mesmo nível de renda de 12 anos atrás. Por isso, na avaliação de especialistas, não será revertido rapidamente se o crescimento econômico não acelerar no pós-pandemia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a crise da covid-19 derrubou em 4,1% o PIB do Brasil no ano passado, quando a população brasileira cresceu 0,7%. Assim, achou em 4,8% o PIB per capita — indicador que divide a riqueza pelo número de habitantes de um país e serve como um indicador do nível de renda da população. O PIB per capita foi de R\$ 35.172 em 2020 — valor que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), fez o brasileiro retroceder ao mesmo nível de renda de 2009.

Diretor do Ipea, José Ronaldo Souza Júnior explica que, devido ao baixo ritmo de crescimento econômico dos últimos anos, o brasileiro ainda não havia recuperado a renda per capita de antes da crise de 2014 a 2016. E, agora, viu esse empobrecimento se agravar por conta da covid-19, que colocou milhões de brasileiros na fila do desemprego e em situação de pobreza. Na década de 2011 a 2020, o saldo foi, portanto, de uma queda de 0,6% do PIB per capita.

Pressão

“O PIB per capita indica o nível de renda médio da população, é uma das principais medidas de bem-estar. Esse quadro tende a piorar os indicadores sociais de forma geral e aumentar a desigualdade”, lembra Souza Júnior. “A queda do PIB per capita é um sinônimo de empobrecimento. Por isso, tende a pressionar os programas sociais e aumentar a demanda por serviços públicos como saúde e educação, justo neste momento em que o Orçamento está todo engessado, e ainda pode complicar a recuperação econômica, porque o consumo das famílias responde por 2/3 do PIB”, reforça o economista sênior da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Fábio Bentes.

Para reverter esse processo de empobrecimento, não há saída, a não ser acelerar o crescimento econômico. “Como a população continua crescendo, é preciso aumentar o bolo de riqueza que será dividido entre os cidadãos para aumentar o PIB per capita”, explica a gerente de Contas Nacionais do IBGE, Claudia Dionísio.

Diante dos desafios que se apresentam à retomada econômica do Brasil, a Tendências Consultoria avisa que levará algum tempo para a renda do brasileiro reverter a perda de 2020. Economista da Tendências, Lucas Assis diz que o PIB per capita deve crescer apenas 2,2% neste ano. Calcula que o brasileiro só retomará o rendimento per capita do pré-pandemia em 2023 ou 2024. Já para voltar ao PIB per capita 2014, só em 2027. (MB)